

## A LOCUÇÃO PROFERIDA PELO DIRECTOR DA FACULDADE DE LETRAS

A Faculdade de Letras da Universidade Católica está mais pobre. Não é uma fórmula gasta. Ela tem aqui o seu sentido pleno. A Faculdade de Letras acaba de perder um grande mestre e um grande educador. Ensino e educação: uma coisa não deveria ir sem a outra, mas a verdade é que por vezes andam separadas. E Monsenhor Celso Tavares realizou, sem esforço, a unidade, corroborando a justiça das palavras de um autor francês:

“Não se ensina o que se quer; direi mesmo que não se ensina o que se sabe ou o que se julga saber: não se ensina, e não se pode ensinar, senão o que se é.”

Presente desde a primeira hora no Centro de Viseu da Universidade Católica, quando o germe era apenas o Curso de Humanidades, Monsenhor Celso Tavares foi professor de História de Arte, e esta actividade exerceu-a simultaneamente com outra actividade que, desde sempre, foi a sua paixão: a Arqueologia.

O interesse de Monsenhor Celso Tavares pela Arqueologia nada tem de episódico ou de casual, traduz uma autêntica vocação manifestada muito cedo, ainda nos tempos de estudante. Já então, a região onde nasceu era, para ele, mais do que pólo geográfico ou acidente geográfico, para se animar com as figuras, quase míticas, do passado arqueológico. O seu 1.º estudo, publicado em 1947, *Vestígios pré-históricos de Besteiros — A Lapa das Côcas* tem já a maturidade dum pensamento desenvolvido e estruturado sobre uma matéria particularmente complexa, a arte rupestre, a cujo estudo se manterá fiel ao longo da sua carreira e onde se afirmará como um dos maiores especialistas neste domínio da Arqueologia.

Daqui, até aos trabalhos apresentados em 1988 no I Colóquio Arqueológico de Viseu, intitulados *A Pedra dos Pratos, em Covelo de Paiva e Um Rochedo da Quinta de Ferronhe*, é toda uma vida em que as mais variadas actividades e responsabilidades não conseguem sufocar o gosto pela arqueologia, como um sonho dilecto da juventude. É ao arqueólogo prestigiado, aquém e além fronteiras, publicamente homenageado em 1990, no II Colóquio Arqueológico de Viseu, que a Faculdade de Letras projecta dedicar um volume da sua revista *Máthesis*, que terá

a colaboração de alguns dos seus muitos confrades e admiradores, nacionais e estrangeiros. Saliente-se o reconhecimento internacional do seu labor pela inclusão num grande Dicionário Mundial de Arte Rupestre, publicado em Itália, em 1985.

Presença constante nos bons e nos maus momentos desta Escola que ajudou a criar, peça decisiva nesta engrenagem do espírito que depende, a todo o momento, de cada um de nós; consciência moral actuante que, na sua modéstia e tocante simplicidade, nos enriquecia a todos que com ele privávamos, pelo simples facto de estar connosco: Monsenhor Celso foi e continuará a ser um paradigma.

Recordo as palavras de Saint Exupéry:

“Cada um é responsável por todos. Cada um é o único responsável por todos”.

Este sentido de responsabilidade é uma definição passível de Monsenhor Celso Tavares. E os cargos chamados de “responsabilidade” que desempenhou ao longo da sua carreira exerceu-os sempre neste sentido de solidariedade global, animado por um espírito admirável de generosidade cristã.

Foi Secretário-Geral do Centro de Viseu, e foi-o à sua maneira, com total entrega e entusiasmo contagiante. A Universidade para ele nunca foi apenas uma forma de ocupação profissional ou de preenchimento de tempos livres, mas um projecto gratíssimo, mobilizador de todas as energias. Na sua postura modelar de dirigente, tem interesse mencionar a maneira como Monsenhor Celso se relacionava com os Regulamentos.

Os Regulamentos, abortos na sua rigidez, eram frequentemente surpreendidos pelas decisões de Monsenhor, que sempre achava maneira de os adaptar às exigências da humanidade. Os que com ele trabalhavam aprendiam depressa a respeitar os Regulamentos sem literais subserviências. Aliás, uma tradução literal não é, como se sabe, a maneira de ser fiel a um texto...

Será que eu estou a dizer que Monsenhor Celso não é um espírito legalista? Num sentido estrito, sim, mas, no fundo, há sempre a obediência a uma lei, que pode ser outra lei. Não há necessidade de empobrecer o conteúdo das palavras.

A ligação de Monsenhor Celso à Universidade Católica é algo que não se resume à adesão intelectual a uma ideia culturalmente relevante, é antes algo que pertence ao domínio dos projectos assumidos pelo coração. Ainda agora, no momento em que cessa actividades de docência e de direcção, Monsenhor Celso está empenhado em criar, na nossa Faculdade de Letras, um museu de Arqueologia, a que doará um rico espólio de peças de alto valor museológico, acumuladas ao longo de muitos anos de profícua actividade no domínio da Arqueologia. A Faculdade de Letras está vivamente interessada neste projecto, que tornará ainda mais viva a presença de Monsenhor Celso nesta Escola que ele ajudou a criar.

Afirmei eu, no início destas minhas palavras, que a Faculdade de Letras acabava de perder um grande mestre e um grande educador, mas a afirmação não é, evidentemente, de todo exacta. O seu nome ficará indissoluvelmente ligado à criação do Pólo de Viseu da Universidade Católica e o seu exemplo frutificará em esforços e iniciativas tendentes à progressiva realização da obra que sonhou.

*Manuel O. Pulquério*